

ATA REUNIÃO ORDINÁRIA
Data: 02 de julho de 2025 - Horário: 19h30

CONVOCAÇÃO

A Presidente do Conselho das EMIA, Telma Dias convocou os conselheiros e comunidade escolar para reunião ordinária, com a seguintes pautas:

- 1) Ciclo Junino;
- 2) Informações sobre o próximo Chamamento para vagas remanescentes;
- 3) Programação do segundo semestre.

A reunião foi gravada pela plataforma Fathom e a Ata é o resumo da transcrição gerada automaticamente.

Estiveram presentes:

- Telma Dias – Presidente do Conselho
- Alberto Lima – Diretor da EMIA
- Marcia Crisitina Nunes – Representante das Famílias no Conselho
- Natércio Eduardo Cortês – Representante da Associação de Amigos da EMIA
- Evandro Brito da Silveira – Suplente do Diretor da EMIA
- Além de outros familiares da comunidade escolar.
- Taíse Adriana Cortês, Angélica de Aguiar Tozzo, Marina Bortotti, Eduardo Parisi, Angélica de Aguiar Tozzo, Thaís além de outros familiares da comunidade escolar.

GRAVAÇÃO - 106 mins:

<https://fathom.video/share/BDWzJLsd8gmbde1DpzKcZCoyV-rs4DDA>

RESUMO

VER GRAVAÇÃO - 106 mins: <https://fathom.video/share/BDWzJLsd8gmbde1DpzKcZCoyV-rs4DDA>

Propósito da reunião

Reunião Ordinária do Conselho para discutir eventos recentes e planos para a EMIA (Escola Municipal de Iniciação Artística)

Principais conclusões

- O ciclo de festivais de junho foi bem-sucedido em todas as localizações das EMIA's, com variações em escala/formato;
- Surgiram desafios de comunicação e coordenação, especialmente em torno de mudanças de última hora;
- Expandir os programas das EMIA's enquanto se mantém o foco no público-alvo principal de 5-12 anos é um desafio contínuo;
- O Conselho visa melhorar a comunicação e o engajamento com as famílias em todo o pólo da EMIA.

Tópicos

Revisão do Ciclo de Festivais de Junho

- O Ciclo Junino da EMIA Jabaquara foi de grande escala (3-4 mil participantes), com famílias organizando barracas de comida/jogos;
- O polo da Brasilândia teve de 100-120 participantes, focando mais em apresentações culturais;
- A adição de última hora de amostras grátis de açaí em Jabaquara causou controvérsia;
- Variações nos temas/focos nos polos, por exemplo, o tema "Cavalo Marinho" em Brasilândia;

- Desafios com conflitos de agendamento (outros eventos escolares, jogo da Copa do Mundo)

Desenvolvimento do Programa EMIA

- Brasilândia está com dificuldades para preencher as turmas para o público-alvo principal de 5-6 anos;
- Debate sobre continuar as aulas opcionais para alunos mais velhos vs. focar no programa principal;
- Discussões com a subprefeitura sobre a expansão do espaço físico da EMIA Brasilândia;
- Potencial para utilizar o Parque Morro Grande para expansão da EMIA em Brasilândia;

Comunicação e Engajamento

- Famílias solicitaram comunicação mais proativa e frequente sobre eventos/reuniões;
- Sugestão de enviar lembretes mensais de calendário via grupos de WhatsApp;
- Reuniões do Conselho abertas a todas as famílias das EMIA, não apenas aos representantes oficiais;
- Desejo de ter representantes familiares de cada localização das EMIA participando no conselho.

Próximos Eventos

- Virada Musical, Crianças Criando Dança, Exposição de Artes Visuais e Mostra de Processo Final planejados para o segundo semestre;
- Processo de matrícula para vagas remanescentes a ser anunciado em breve.

Próximos passos

- Criar e distribuir um calendário claro das próximas reuniões do conselho e eventos das EMIA;
- Investigar a falha de comunicação sobre as bebidas no ciclo junino da Brasilândia;
- Explorar opções para expansão física da EMIA em Brasilândia (discussões com a subprefeitura, Parque Morro Grande);
- Desenvolver estratégias para aumentar a matrícula nas turmas principais de 5-6 anos nos polos da expansão;
- Considerar como equilibrar a programação principal das EMIA com as necessidades da comunidade para atividades de alunos mais velhos;
- Incentivar maior participação familiar de todas as localizações das EMIA nas futuras reuniões do conselho.

TRANSCRIÇÃO

VER GRAVAÇÃO - 106 mins: <https://fathom.video/share/BDWzJLsd8gmbde1DpzKcZCoyV-rs4DDA>

<https://fathom.video/share/BDWzJLsd8gmbde1DpzKcZCoyV-rs4DDA>

0:04 - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Boa noite, tudo bem? Tudo e você? Tudo bem, tudo bem, vou ficar de ouvinte aqui hoje. Ah não, acho que você vai falar bastante, viu?

0:15 - Telma Dias

Desculpa te falar, porque a gente vai falar coisas que termina. Eu só vou falar uma palavrinha, açaí. Por fim foi ótimo, viu Natércio?

0:34 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Não atrapalhou em nada. Por fim foi ótimo.

Atrapalhou sim, Telma, depois a gente fala. Atrapalhou bastante, mas depois a gente fala.

Mas tudo bem, eu sei que não foi, a gente sabe, não foi, a intenção era boa, mas enfim, quebrou as pernas.

4:30 - Telma Dias

Bom, gente, boa noite, para que a gente não saia assim tão tarde, né, num dia friozinho desse, não ultrapasse tanto, não entre tanto noite adentro, eu vou iniciar aqui a nossa reunião, nossa reunião ordinária, boa noite a todos presentes, eu sou a Telma Dias, a presidente do Conselho da EMIA, eu

atuo na EMIA como coordenadora de teatro, sou uma das representantes do poder público pela Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa, eu agradeço imensamente a presença de todos vocês, que a gente tenha uma ótima reunião, eu vou passar a palavra para os e outros conselheiros aqui do Conselho da EMIA para a gente iniciar a nossa pauta, tá bom?

6:17 - Evandro Brito da Silveira

Olá, boa noite, eu sou Evandro, assistente de direção das EMIAS, eu sou suplente do Alberto, que é o diretor da escola. Uma boa noite a todos.

6:35 - Marcia Nunes

Boa noite, eu sou Marcia Nunes, estou como representante das famílias no Conselho das EMIAS.

6:48 - Telma Dias

Perfeito, gente. Então, nós vamos dar início, né, a nossa reunião de hoje. eu queria falar sobre os... O ciclo junino, né, que aconteceram em todos os polos da Emia, eu acredito que tenham famílias de todos, de alguns outros polos, que não, não é só Jabaquara.

Então, queria meio que, pelo menos, a Marcia pudesse dar um apanhado geral de como foi o ciclo junino aqui da, da Emia Jabaquara, né, depois nós, se tiver alguma outra pessoa, alguma família de outros polos que também queiram falar, de todos os polos de Jabaquara e demais polos que queiram comentar como que foi a sua impressão sobre o ciclo junino, né, da Emia, tá bom?

7:52 - Marcia Nunes

Queria só pontuar que a gente tem também representantes aqui no conselho do, dos professores. que é o Paulo e o Anderson, mas o Anderson tá de licença e o Paulo não pode comparecer porque tá saindo uma peça que vai estreiar agora esse final de semana, mas que a gente também tem os representantes aí dos professores.

A gente tem aqui na reunião pessoas de outras Emias? Estamos em nove, né? Ah, tá na Emia Brasilândia. Legal.

Só para eu entender assim, para situar se conhece ou não. Quem que é da Emia Brasilândia? Deixa eu ver.

A Thaís. Tudo bem, Thaís? Conhecida como Mirma.

8:44 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarg@gmail.com

Oi, prazer, Thaís.

8:50 - Telma Dias

A gente não tá ouvindo.

9:00 - Taíse C

A EMIA Brasilândia não tem conselheiros representados aqui nesse grupo, tá, nós não tivemos, inclusive eu perguntei para o Manuel, ele enviou hoje às quatro da tarde esse convite, essa convocação, não sei se foi para todo mundo a mesma situação, mas ele mandou às quatro da tarde no grupo das famílias e daí até estava escrito lá, né, senhores conselheiros, eu questionei ele, falei assim, tem certeza que esse convite é para as famílias, né, quem são os conselheiros da nossa, da nossa EMIA, daí ele, né, como a gente já sabe, inclusive, né, nós não temos conselheiros dentro do, dessa representação aqui da nossa EMI, daí ele falou, não, o convite é para quem quiser participar, então, até, é assim, a gente tem um grupo das famílias, eu passei lá quem ia, se alguém ia participar, né, assim, em cima da hora, alguns podem, outros não podem, então eu entrei aqui, mas, lembrando que estou como uma representação.

Sou também de uma família da Brasilândia, mas não sou oficialmente nada além da família. Bom, como é que para nós é o suficiente, tá?

10:12 - Marcia Nunes

E na verdade, Taíse, nós somos os conselheiros representantes de todas as EMIAS, tá? Então, para sua alegria e desespero, nós também somos os conselheiros da Brasilândia.

Eu acho que que falta, que é uma coisa que a gente vem querendo e desejando construir, é que cada polo da EMIAS tenha seu próprio representante dentro desse grupo maior que eu conselho.

Porque a lei só prevê um representante e não estava... A lei, em 2011, quando foi criada, não previa a expansão da EMIAS, certo?

Então, o que acontece é que na lei só prevê um representante das EMIAS. Então, o a gente quer é comentar a participação das famílias...

Obrigada. Obrigada. Obrigada. Obrigada. Obrigada. E construir esse lugar junto ao conselho de que cada polo da EMIA possa trazer um representante, né?

Quem sabe você e outras famílias aí nessa reunião, nosso desejo é de que possa nos ajudar a fomentar esse lugar de participação das famílias, né?

Então, nós aqui, eu, o Evandro, a Telma, Paulo, o Alberto, né? Tinha um representante da sociedade civil, mas ela não conseguiu acompanhar o volume de trabalho de reuniões, né?

O que a gente quer é trazer famílias de todos os polos para compor esse lugar junto conosco. A lei não permite, por enquanto, né?

Que seja um conselho para cada escola, que a gente entende que seria o ideal, né? Como na educação, um conselho para cada unidade, unidade escolar e um lugar de conversa entre todos, né?

Enquanto a gente não tem esse direito, esse lugar garantido do conselho de cada polo da EMIA, que a gente possa achar formas de cada polo se sentir representado junto a esse conselho que tá composto aqui hoje. Deu pra entender? Sim, acho que a Angélica é lá da EMIA Brasilândia também, ela entrou aqui, acho que ela quer também falar alguma coisa.

12:14 - Taíse C

Eu só queria entender, essa convocação foi feita realmente às três da tarde hoje, quando a gente recebeu também, ou vocês já estão articulados já faz um tempo também pra essa reunião?

12:26 - Telma Dias

A gente já tá articulado há um tempo pra essa reunião, inclusive ela, ela foi colocada no portal da Secretaria e nós, nós enviamos antecipadamente, né, pra, os polos, mas talvez pela demanda também do, do Manuel lá na Brasilândia, né, ele não tenha conseguido compartilhar antes.

12:55 - Taíse C

Beleza, só pra entender também, né, mas acho que a Angélica quer falar aí. Oi, pessoal, boa noite.

13:03 - Angélica de Aguiar Tozzo

Na verdade, eu não consegui tirar aqui, foi sem querer que eu coloquei a mãozinha, né, mas acho que é isso também, né, como a Taís falou, a ideia é a gente aproximar um pouco mais, né, de como tá sendo essas articulações das famílias, até mesmo porque, né, já teve umas tentativas de começar a organizar esse nosso grupo de representação, mas a gente ainda não conseguiu efetivar, e a gente espera que agora, assim, no próximo semestre, a gente consiga, né, tentar novamente reunir e conseguir pensar representações nossas, pensar algumas questões que a gente tá precisando aqui pro, pro, pra nossa Emia, né, então, é, acho que é isso, né, acho que compor aqui também pra poder pensar essa, é, esses pontos, ver como que funciona, né, pra gente ficar mais a par também, acho que é isso mesmo.

14:00 - Marcia Nunes

Vou colocar depois o meu número aqui no chat, porque acho que seria muito legal a gente poder fazer essa conversa juntos também, né?

Então, acho que mesmo enquanto a gente não tem essa representação, isso não nos impede de ir pensando nas necessidades de cada polo, tá?

Uma conversa que eu gostaria muito, eu mandei até mensagem para o Manuel e para os outros articuladores, falando, olha, me ajuda a estar mais perto das famílias dos outros polos, para a gente poder entender as necessidades de...

E as necessidades e o perfil, as características, né? Como é cada um dos polos da EMI, para a gente poder abrir espaço e compor também nesse lugar do Conselho, tá?

Então, depois eu deixo meu contato e conto com vocês, até para me ajudarem a estar mais próxima dos outros polos nesse lugar, que eu acho que é a ponte que está faltando a gente criar.

Não é fácil organizar famílias, não é fácil mobilizar, em meio a tantas demandas, a gente acaba sendo meio atropelado, então, a gente está há 45 anos, o movimento das famílias na EMIA Jabaquara começou há 30 anos, né, e aí a gente, então, com 30 anos de história, está sempre, sempre um movimento de engajar famílias, né, Evandro, né, Telma, sempre, olha, vamos lá, pessoal, vamos participar, sempre explicando o que é, sempre convidando, né, então, cada ano é um novo momento de trazer as famílias, de aproximar, mas, na medida que a gente vai construindo

esse lugar, é um lugar muito potente, né, é um lugar muito importante, um lugar muito frutífero, né, tanto que, a partir desse movimento e, claro, da abertura da escola, a gente vem construindo a nossa festa junina, eu perguntei por quê, porque, é, entendo que é diferente dos outros, do que acontece nos outros territórios, porque, porque aqui a gente tem a atuação das famílias, né, via movimento dentro das famílias e agora via associação, tá? Então viabilizando e construindo uma festa junina em que a gente vende coisas, faz coisas, tudo a partir da participação das famílias, as famílias organizam a festa junina em parceria com a escola e agora com a Maria do Carmo, né? Há muitos, quantos anos, Evandro, que a gente faz assim? Faz o que das prendas, das... E tudo, assim, das famílias estão ativamente vendendo coisas e arrecadando pra usar na própria escola. É, antes da pandemia, né?

16:43 - Evandro Brito da Silveira

Que já começou com esse movimento. Não, foi... É, bem antes da pandemia mesmo. Foi um movimento, acho, em 2013, se eu não me engano, e a gente começou mais com essa questão de venda de...

E as famílias fazer as prendas, né? De... De não usar mais compra de... de brinquedos de plástico e tal, e houve uma integração maior, um envolvimento maior das famílias nessa, no caso da Festa Junina, né?

17:12 - Marcia Nunes

E aí é isso, acho que uma das formas também que a gente tem, que também é muito potente, de mobilizar e integrar as famílias, trazer as famílias pra perto da escola, é a Festa Junina.

Então, a gente faz as comidas, a gente organiza as barracas, a gente faz as contas, a gente administra o dinheiro que reverte todo pra manutenção da associação e as necessidades da escola, as famílias organizam as prendas, as famílias fazem o trabalho voluntário nas barracas, né?

Então, é uma festa que foi tomando uma proporção, conforme o fôlego das famílias, que o barato é doido, né, Natércio?

O barato é muito doido, a gente começa a trabalhar em fevereiro, março, e trabalhar em todos os sentidos, desde a confecção das prendas, até a organização da festa toda, então de organizar, botar coisas, produtos, voluntários para trabalhar na festa, que é sempre um grande desafio, e aí a festa tem esse percurso, desde a programação cultural pensada pela direção, coordenação e professores, que vão pensar as apresentações, atividades, brincadeiras, né, até a questão das barracas e da arrecadação, que a gente faz, que é revertida para a escola, num funcionamento parecido com o da APM, nas escolas regulares, né, que então a gente mantém, o dinheiro é para manter a associação e para reverter para a própria escola, naquilo que a gente entender, que cabe a associação, na parceria com a escola, e tem sido importante, a gente já fez o que, já...

Já financiamos, por exemplo, a congressos no Rio de Janeiro, CDs, em outros momentos, formação, a gente paga parte do que nenhum polo tem ainda, que é a formatura, né, quando chega, seguindo no ciclo dos cinco até as turmas finais de 11 e 12, tem aí a cerimônia da formatura, tem uma verba destinada para isso e todo o resto da verba, né, de, então, por exemplo, eles fazem uma festa, a festa, os comes e bebes, os enfeites, a customização das camisetas, isso também é por conta da associação, tô falando alguma besteira e vocês me corrijam, tá, pessoal?

Então, faz tempo que a Marina se formou, na formatura eu não tô lembrando tão bem. Então, a festa acaba que é um evento bem grande, que pra nós começa às oito e vai terminar, como nesse ano aí, por volta de oito...

O Horas também, então são 12 horas de trabalho aí de todo mundo, desde as famílias, gestão, coordenação, professores, todo mundo se revezando, da Maria do Carmo também assistentes, a equipe da Maria do Carmo de eventos, Ana Paula também, então trabalhando intensamente, né, na festa, que acontece formalmente da meio-dia às 18, então nesse roteiro, muitas brincadeiras, tem o, é, inicia a festa junina com o cortejo, do cortejo tem a cerimônia, que eu vou chamar de cerimônia, né, hastear o mastro, levantar o mastro, que dá início às festividades, formalmente, vamos dizer, e aí ali acontecem todas as brincadeiras, apresentações, sempre muito no sentido de convocar, convidar as famílias e os frequentadores do parque, porque a escola fica no parque, então também a gente tem os frequentadores de lá, a compor conosco as brincadeiras, depois tem o, a festa acaba com o bailão e a quadrilha, né, que aí encerra, são os eventos, os eventos são as apresentações que encerram as festividades, o que mais?

Esse ano foi muito bom, deu um tabu do caramba, diferente dos outros anos, né, Natércio? Quantos voluntários? Quantos voluntários a teve esse ano, você lembra?

21:33 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Esse ano, esse ano, assim, foram, acho que, cerca de 60, pelo que a Flávia me falou ontem, foi pouco, muito pouco, né, tanto que a gente teve que reduzir um pouco a festa, algumas coisas, brincadeiras, algumas coisas, porque não ia ter como, né, mas, mas é uma coisa que a gente tem sentido, que ano após ano, a disponibilidade da turma, quem participa, tá muito comprometido, mas, E aí, mas a disponibilidade do... As pessoas têm menos disponibilidade para se envolver em uma coisa que vai tomar tanto tempo, né?

Então, acho que é isso, né?

22:15 - Marcia Nunes

Então, deu bastante trabalho, é muito gostoso, é um grande evento para nós, é o grande evento do ano para nós, não só porque viabiliza esse momento da arrecadação, mas principalmente porque mobiliza toda a comunidade numa construção coletiva, que é o que a gente vem enfatizando bastante da importância, né?

Ter toda a comunidade escolar, e aí comunidade escolar eu digo também, a comunidade do entorno, né? Então, os frequentadores do parque, pessoas da EMEI que ficam ao lado do parque, que acabam tendo também esse evento como algo que faz parte da rotina e do dia a dia dessa comunidade do entorno.

Então, é muito importante para nós, para construir esse lugar... De onde a gente constrói em conjunto, onde a gente pensa em conjunto, onde a gente ouve as crianças, inclusive, que fazem as nossas bordadeiras, fizeram a decoração do mastro, as crianças fizeram lá os estandartes, né, teve oficina de bordado na festa, teve correr elegante com xilogravura, então também é um momento que as crianças participam muito ativamente da construção do evento, do evento ali, né, ao longo do dia, então pra nós é um evento muito, não só muito importante, mas muito, muito, muito frutífero, muito feliz pra nós, né, e foi maravilhoso, a xilogravura, a gente tava falando, todo mundo gostou demais, e foi um trabalho das próprias crianças, que foram usados pra fazer correio elegante, né, foi, foi muito bacana.

Eu não sei se outras, de outros polos, querem compartilhar um pouco da festa junina também. Como a gente faz, Telma?

24:04 - Telma Dias

Seria bacana. Taíse, você pode comentar como é que foi na Brasilândia?

24:13 - Taíse C

Posso, né? A Angélica também pode me ajudar aí, que também participou. A gente fez a festa da Brasilândia no final foi no dia 7 de junho, se eu não me engano, não é isso, Angélica?

Acho foi 7 de junho, foi logo no começo de junho. E a gente teve aí um agravante que foi a questão de que a gente se organizou tudo, fizemos reunião com os professores para a gente conseguir se articular enquanto famílias também, a gente fez as comissões de alimentação, prendas e decoração, fizemos 3 comissões para a gente se organizar e só que assim, pontos que a gente observou, a gente não tinha certezas, por exemplo, nessa reunião que a gente fez um mês antes.

Nós não tínhamos... tínhamos certeza com relação à bebida, se seria fornecida ou não pela Associação, então isso também causou uma certa insegurança na gente, até pelas coisas que a gente ia pedir ou não para as crianças, para as famílias se organizarem, e a gente sempre perguntava para a articulação, tudo, e eles ali ainda estavam sem informação, sem informação, até, se eu não me engano... Angélica, não sei se sabe, e eu também não me recordo exatamente, mas eu acho que foi assim, coisa de uma semana, dez dias antes, só que a gente foi saber efetivamente se a associação ia ou não colaborar efetivamente, como todos os outros anos fazia, então assim, a gente até achou estranho, para dizer a verdade, ter essa demanda, por exemplo, das bebidas, tá, que era uma coisa que a gente nem sabia, calhou também de, a gente se organizou, daí a festa junina caiu exatamente no mesmo dia da maior parte das festas das escolas públicas daqui da região. Não sei se foi de todas as escolas municipais, né Angélica?

Acho que eram as municipais, não tenho certeza. Mas, enfim, calhou. E isso, o que aconteceu? Muitas crianças e famílias que iam para a festa, para o ciclo junino, não puderam participar, inclusive das apresentações, porque calhava o mesmo horário, tudo, e daí tiveram que escolher entre um ou outro.

Então, isso também foi um fator que foi ruim. Não sei a que ponto que se pode ter aí uma conversa, né, entre Secretaria de Educação e Cultura, que é da...

Mas, talvez, assim, essa questão desse calendário, de fato, foi algo que prejudicou, até porque causou, né, uma frustração grande, inclusive, para as crianças e para as famílias que se prepararam para participar desse dia e que não puderam participar porque tiveram que escolher.

E foi algo que a gente não teve o outro ano, porque foi em julho, o ano passado, foi o Ciclo Julinho, então a gente não conhecia as datas, então a gente teve uma preocupação muito maior.

Ano passado era o "Julho Semear", que inclusive a gente fazia mesmo em julho e trazia uma outra conotação. Inclusive, até conversando com algumas pessoas, eles falaram dessa questão de que tiveram algumas, eu não sei qual que o levantamento da EMIA, mas tem algumas crianças que não participam do ciclo junino por ser, por conta de religião e etc., Enquanto que Julho Semear", já dá uma outra conotação e daí participam, sabe?

Por não ser uma festa junina. Mas aí é uma outra situação que a gente também tem que avaliar bem.

Não sei a quantidade disso, mas foi algo que chegou, imagino que nas outras EMIAS também deve ter algum tipo de demanda dessa, né?

E se avalia exatamente como que se articula isso. O que eu tava falando com a Angélica, até tá falando aqui no WhatsApp com ela, enquanto vocês estavam colocando alguns pontos, que pra nós também fica um pouco difícil fazer uma avaliação geral do evento, porque nós não temos dados nenhum, como eu coloquei, né, nós aparecemos aqui nessa reunião sem saber direito, então assim, eu posso dizer a minha opinião, o meu ponto de vista, enquanto família que participou, a Angélica também, só que a gente não tem uma articulação do todo, que às vezes quando a gente compartilha com o todo, a gente consegue ter outras dimensões aí, né, então assim, esses pontos que eu levantei, sei que são pontos que as famílias discutiram, porque a gente chegou a conversar antes, né, Angélica?

Agora, outros pontos, assim, que a gente fala, é, eu vi pelo menos assim, pra mim a programação, é perfeita pras famílias e pras crianças, de fato, o que foi executado lá no dia 7 foi uma programação bacana,

A nossa realidade aqui da Brasilândia é completamente diferente da realidade, pelo menos da EMIA Jabaquara, que eu conheço, que eu já fui na Festa Junina, porque a minha sobrinha é do Jabaquara, né, a filha do Natércio, então eu sei que a dimensão de vocês é completamente outra da dimensão da nossa EMIA né, a nossa EMIA, ela é bem menor, estrutura, em recursos, uma série de coisas é bem menor. Eu acredito que tinham ali participando, se muito tinha, era 100, 120 pessoas, eu não acredito que tinha mais do que isso, ao todo, ao longo do dia, eu não tenho esses dados reais, tá, pode ser que tenha passado mais gente, eu não sei, então assim, e também aconteceu, acho que foi das 11 da manhã, foram 4 horas, né, das 11 às 3, então 4 horas de festa, foi ótimo, foi do lado de fora, A gente teria um grande problema caso chovesse...

O nosso espaço interno é uma sala, então a gente não teria como flexibilizar lá, tem uma questão lá com a Casa de Cultura que fica perto, mas daí assim, existe um nível ali de articulação com a Casa de Cultura, que é outra história e que é uma instância ali da Associação, que eu de verdade, a gente como família, muitas coisas a gente nem sabe ali como é que se dá essa relação política, tá?

Mas, efetivamente, na festa foi ótima, deu tudo certo, as crianças estavam brincando super, a gente tem algumas preocupações porque a nossa praça, ela é muito próxima à rua, né, então é diferente de vocês que é dentro de um parque, então a gente, do Jabaquara, né, vocês Jabaquara, eu sei que tem os outros polos que eu não conheço, mas enfim, a gente é dentro de uma praça que é muito próxima à rua, então a gente tem muitos cuidados, inclusive com as crianças. A gente tem que ficar de olho porque podem sair e ter carro passando, etc, né? Mas deu tudo certo. Nunca aconteceu nenhum acidente, pelo que eu sei, né? Não sei se é isso mesmo, mas acho que nunca aconteceu nenhum acidente.

A gente não tem venda de nada, é toda uma festa que é feita para não ter a venda mesmo, então as famílias contribuem com os itens de alimentação, tudo mais, a bebida entrou pela associação e não vendemos nada também no dia.

E acho que é isso. E as crianças brincaram um monte, os professores articularam muito bem, assim, foi do Cavalo Marinho, né?

O tema da... não sei se foi de todas, mas do nosso era do Cavalo Marinho, lá do Maranhão, e foi excelente.

Para a gente foi muito legal. Angélica, não sei se quer complementar com mais alguma coisa aí.

Eu acho que a principal questão que ficou mesmo foi essa questão da data, né? Inclusive, teve uma turma que não conseguiu apresentar o que tinha programado porque não tinha a quantidade de crianças suficiente, né, não tinha a quantidade suficiente, aí acabou que, né, cancelou, então isso foi um ponto super importante, né, que a gente, né, quer muito avaliar isso pros próximos eventos, né, e esse ano eu acho que a gente conseguiu, enquanto família, se organizar, apesar dessa questão da data, né, a gente conseguiu se organizar bem, assim, teve uma participação legal, e eu acho que, que é isso, assim, de, é, daqui pra frente, né, a gente pretende agora, após o recesso, né, se organizar melhor ainda, enquanto, é, grupo de família, pra gente poder pensar esses e outros pontos que a gente tá tendo na escola, pra que os próximos eventos a gente esteja mais articulado e esteja entendendo um pouco mais como que funciona isso nos outros eventos. Então acho que estar aqui hoje é bem legal por isso, que a gente consegue ver e consegue entender como está sendo organizados e pensar como que gente traz isso para a nossa realidade. Acho que é isso...

33:19 - Telma Dias

Será que tem alguém de outro polo que pode contribuir com a fala aí? Como é que foi o ciclo junino no território? Acho que a Marina entrou agora das flores, né Marina? Marina está aí?

33:48 - Marina Bortotti

Estão conseguindo me escutar?

33:50 - Telma Dias

Agora sim, Marina. Boa noite, gente.

33:55 - Marina Bortotti

Boa noite, gente.

Estou aqui como mãe Mia também, que eu sou mãe. Sou do Polo das Flores, né? O ciclo junino eu acho que foi muito legal assim porque esse ano a gente conseguiu espalhar pelo parque as atrações para que fosse cada parte do parque uma parte dessa comemoração e foi legal porque a gente quis lembrar as brincadeiras antigas de infância, então as famílias amaram, as crianças que estavam visitando o parque amaram, foi muito bom assim, foi maravilhoso.

Essa parte foi boa.

34:45 - Telma Dias

Que ótimo, gente. É, pode falar, Evandro.

34:50 - Evandro Brito da Silveira

Eu acho interessante apontar para as outras pessoas que não conhecem as outras unidades, que muitas pessoas nem sabem que tem tantas outras unidades, mas na realidade nós somos seis unidades.

E são com características muito diferentes mesmo, né? Isso que a Taís falou, a diferença entre Brasilândia e Jabaquara é bem contrastante mesmo, para começar pelo espaço físico.

Então, são várias realidades, né? Então, várias histórias, né? A EMIA Jabaquara está completando 45 anos, as outras estão aqui com 3 anos e, então, o número de famílias é diferente, espaço físico é diferente, então, tem todas essas questões.

O Jabaquara é uma, o Jockey tem um espaço grande, as Flores também, fica dentro de um parque, tem um espaço grande, Perus é pequeno, Brasilândia é pouco menor, tem Parelheiros também, que é uma casa pequena, então, a gente tá lidando com essas realidades e, aprendendo também a cada ano, né? E, como lidar, né? O Jabaquara também, a cada ano, por mais que ela seja grande, seja trabalhosa, sempre um ano e outro a gente muda alguma coisa, tenta melhorar, às vezes piora, mas a gente vai tentando, né, e eu tô lá há muitos anos, então, teve momentos críticos, assim, difíceis em relação à realização da festa, mas é isso, né, e quanto às datas, queria apontar que a gente, por ter seis unidades, a gente quis, né, a gente procurou fazer tudo no junho, então, a gente fez duas festas em cada final de semana, em cada sábado, então, um final de semana ficou comprometido pelo feriado, por conta do feriado de Corpus Christi, então, nós fizemos duas festas no dia 8, duas festas no dia 15, duas festas no dia 28, né, uma preocupação do Jabaquara, foi dia 29, é uma festa grande, a menor foi a outra, Parelheiros, que uma festa um pouco menor, e ela começou mais cedo, acabou mais cedo, para a gente ter, o Alberto foi...

Fui para lá, Parelheiros, de manhã, rapidinho, depois voltou, veio para o Jabaquara, e Brasilândia é a mesma coisa, ela fez parceria com outras, com outra unidade, né, então a gente também, assim,

fez um bem bolado, né, tentou fazer um bem bolado, e essa questão também de outras festas, eu, a meu ver, eu acho que acontece o mês todo mesmo, a gente sente, acho que em todas as unidades, no Jabaquara também, pelo comentário das famílias, das crianças, ah, eu tenho outra festa, eu tenho isso, tenho aquilo, então a gente, que é difícil, é, tentar, assim, é, agradar a todos, né, conseguir, é, encontrar um, a melhor forma, ou melhor maneira, melhor dia, melhor horário, para cada unidade, mas, enfim, eu acho que essa, essa avaliação está, é, é para isso mesmo, para a gente tentar ver, para a gente tentar melhorar os próximos, né, acho que é isso.

38:01 - Telma Dias

Angélica, não sei se ela permanece com a mão levantada, se ela quer falar novamente, Natércio também levantou a mão.

- Não, é que eu não consegui tirar aqui, mas eu já falei, já, obrigada.

38:16 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Tá bom, então, assim, uma coisa que eu acho que mudou nos últimos anos, até uns 15 anos atrás, as festas juninas se resumiam meio às escolas e algumas paróquias, né, algumas igrejas, né.

É uma festa que tem fundo religioso, né, acho que não tem como desassociar isso, né. Ela vem da festa dos três santos de junho, né.

Mas, assim, ela cresceu muito nos últimos anos.

38:56 - Telma Dias

É que a igreja pegou pra si... Mas não era, era até uma festa pagã...

39:01 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Não, eu sei, era festa pagã, não, a igreja pegou para si como era, como tudo, né, como Natal, como várias outras coisas, né, você põe na data que dá certo, né, que casa, foi isso que eu quis dizer, em datas convenientes, né, bom, é, mas assim, mas uns 15 anos para cá, é impressionante, assim, eu vejo a geração da minha filha, assim, é a festa mais legal do ano, assim, não, não, não que não era antigamente, mas, mas cresceu demais, assim, hoje, toda igreja tem, toda, toda, toda, toda rua, rua onde o pessoal é mais organizado faz a sua, é, a gente faz nas EMIA's e por aí, e por aí vai, né, e tá esse calendário tumultuado aí mesmo, né, é, mas eu acho que tem uma preocupação aí que a Taíse colocou, que eu acho que é importante, né, EMIA é um equipamento público, acho que tem que ter uma articulação, que que ter né,

Por exemplo, se a Secretaria Municipal de Cultura, Municipal de Educação, parece que foi isso, marca no dia 7 o dia das festas juninas das escolas municipais, né, acho que tem que ter uma articulação com isso, sabe, vai trombar com as particulares, eu não sei se estou enganado, mas foi dia 7 parece que foi, realmente foi isso assim, sabe, foi uma super coincidência e teve essa história do Corpus Christi que eu sei que tirou um fim de semana, né, tirou um fim de semana do calendário, assim, só pra, as EMIA's tem, as festas, elas são totalmente diferentes, mas eu não, é uma pergunta, se tem um objetivo da gestão, pelo menos é uma coisa que eu sinto, assim, um pouco, né, de dar uma unificada na, na, na, na... no ciclo junino de todas as Emias ou não, cada um com a sua característica, assim, eu não sei se é uma intenção, Telma e Evandro.

41:12 - Telma Dias

Na verdade, a gente pretende que a festa junina, ela tenha semelhanças, né, com a festa que é feita na Jabaquara e que sempre deu certo, por exemplo, a questão de as crianças serem as protagonistas, né, das atividades que são apresentadas, né, que ela seja, a festa junina também, ela apresente o resultado do que as crianças vêm trabalhando com seus artistas educadores, né, durante esse processo de primeiro semestre.

A estrutura da festa, ela é a mesma, o que muda, de repente, é o tema, porque, por exemplo, o Perus estava trabalhando... Com a temática do caranguejo, porque eles estavam abordando uma temática de uma festa pernambucana, né, então tinha uma estrutura ali, mas com as mesmas coisas que a festa junina, trabalhada pelas famílias, né, como participantes e produção da festa, né, Brasilândia focou no cavalo marinho, porque também era resultado das propostas artístico-pedagógicas que estavam sendo trabalhadas até ali.

Então, assim, o que a gente tem que é igual para todas é a estrutura da festa, mas nós não temos um tema que seja único para que todo mundo trabalhe ele, mesmo porque os processos da EMIA, ele é muito do encontro do artista, da proposta do artista-educador e aí em contato com a criança,

então isso se modifica e aí não é possível, né, que a gente tenha uma única temática vamos dizer assim, né? Mas o que a gente tem como linha pedagógica é falar sobre a questão do plantio né da colheita né para não ficarmos na que não tem nada a ver com a questão religiosa festa, né? O ciclo junino ele tem a ver com essa questão de plantação de colheitas né é por isso que tem muito forte em todos os polos a questão do alimento né que é ali é uma festa que começou com todo mundo se reunir comemorar porque a colheita tinha dado certo né então na verdade nosso resgate é desse objetivo da festa para que não tenha as questões ah eu sou da minha religião não me não permite eu ir porque enfim por seja lá qual motivo né a característica principal da festa da EMIA não é trabalhar sobre esse aspecto né é priorizar que essa questão o resgate.

O que significa verdadeiramente? Por que existe? Então, pedagogicamente é para a gente celebrar a colheita, a comida, então é mais ou menos nesse sistema, mas existe sim uma preocupação da gestão de tentar fazer com que as festas tenham a estrutura necessária para cada polo, então todas tiveram bebida, pipoca, algodão doce, e aí as escolas menores, as famílias contribuem com o prato de doce e salgado que dá para fazer uma mesa compartilhada, o que é totalmente impossível no Jabaquara e que já foi impossível no Jockey, né, porque eles estão lá com 600 crianças atualmente, também não foi possível, então assim, tem uma estrutura pedagógica que ela se mantém, mas as festas elas acontecem diferente em cada polo.

Flores, por exemplo, tem uma tradição de quermesse lá que veio se perdendo né durante os últimos anos né e o articulador achou muito importante fazer o resgate de como eram as festas tradicionais de quermesse mesmo junina que as pessoas estavam sentindo muita falta porque não existia mais ali naquele território, então, a festa das Flores foi mais ou menos por esse caminho né então é isso assim apesar de elas terem alguma diversidade, necessidade na questão temática ou de uma abordagem artístico pedagógica, elas têm a mesma estrutura de evento e a o mesmo pensamento pedagógico é comum a todas e todos os polos.

[@45:54](#) - **Seridó Arquitetura - Natércio Cortês (seridoarq@gmail.com)**

Beleza, Telma.

Obrigado.

Márcia?

[@46:01](#) - **Marcia Nunes**

Eu ia, a Telma já respondeu.

Eu ia perguntar se em todas eram servidas a mesma coisa, bebida, pipoca e algodão doce. Essa é a minha primeira pergunta, você já respondeu.

A outra é se... Porque também não entendi qual foi a questão que a Taíse pontuou sobre a Maria do Carmo não dar essa certeza de oferecer, especialmente tendo em vista nos anos anteriores.

Acho que no ano anterior já tinha, acho que não entendi muito bem por que as famílias ficaram com essa insegurança, porque eu acho que, claro, que isso tem um impacto.

Então, acho que, para nós, é importante entender essa relação, não só como a relação que a Taíse pontuou, essa relação com a Casa de Cultura.

A proposta inicial era que fosse no espaço da Casa de Cultura. Então, acho que entender essa questão do que aconteceu com a gestão da Maria do Carmo, não consegui dar essa certeza para as famílias que têm certeza que impactou na programação.

Outra, entender essa relação com a Casa de Cultura, essas são minhas dúvidas, e ponto a uma outra questão, que acho que aí também vai, não é nem, eu acho que além da questão do território, além da questão dos processos que se dão ali na relação do artista educador com os alunos e com a coordenação, acho que tem uma questão também do tamanho da escola, né, então, por exemplo, na EMIA a gente tem várias turmas de cinco, seis, até as turmas de onze e doze, que são os formandos, mais os optativos, o bordado, por exemplo, o bordado, o bordado é uma oficina voltada para as famílias, a gente teve a apresentação da orquestra, a orquestra é um grupo que faz parte do corpo da escola, mas que é uma oficina também, ou seja, pessoas da comunidade, a gente tem pessoas que nunca frequentaram a EMIA a não ser a partir de uma oficina, né, então, aí, ou seja, além da gente ter essa, essa a questão...

Então, no território e tal, também tem a diversidade dos trabalhos. Então, por exemplo, eu não vejo um tema, não só sobre a colheita, mas eu acho que é uma grande festa da cultura popular brasileira. E cada turma acaba, então, ouvindo uma postagem do Douglas, né, falando que ele, acho que trabalhou a questão do Manguetown, alguma coisa assim no quarteto dele, algum ritmo que eles estavam explorando, e que aí eles trouxeram, né, a experiência deles na sala, nesse lugar do

compartilhamento, da festa junina, nesse lugar que eu entendo que é, não só da colheita, que pra quem vive da terra, meu sogro e minha sogra são do interior do Ceará, eles falam que o grande evento pra eles era junho, junho e julho, que é a época que as famílias estão com dinheiro, não é no Natal, que era, quem vive da terra é na época da colheita, quando você vai vender, então pra eles a grande, a grande alegria que era, né, então acho que a gente perdeu um pouco, distante da relação com a terra, perdeu um pouco essa verdadeiro, Obrigado.

Não são da dimensão da importância, mas é um resgate que atravessa a cultura popular brasileira e eu acho que é esse o resgate que a gente tenta fazer nessa celebração, mais do que a questão da apropriação de santo e tal, então eu vejo na EMIA no Polo Jabaquara, essa grande festa da cultura popular brasileira e também essa diversidade, lá na EMIA Jabaquara a gente vê a diversidade de trabalhos, né, então muitos recortes, a xilogravura, né, o bordado, tema que cada um vai, então tudo isso, isso vai atravessando e compondo a festa, né, a partir da subjetividade também de cada turma, algumas turmas se juntam para participar, por exemplo, do cortejo que a gente faz, às vezes ensaiando algumas músicas, mas também no interesse e da, do sentido que dá para aquela turma, né, então acho que a diversidade da proposta e a dimensão da festa também vai crescendo na medida em que cresce a escola, né,

Então, que crescem o número de turmas, que crescem, sei lá, os optativos ou as oficinas, aí também vai dando uma outra dimensão da festa como um todo, é o que eu estou pensando aqui, né?
É isso.

50:18 - Telma Dias

É isso mesmo, Marcia. Todos os polos da EMIA trabalham desde sempre a questão da cultura popular, né? E isso se tornou muito potente, né, nessa festa junina, porque nós fizemos uma formação com os artistas educadores e nós, no início desse ano, trouxemos muitos mestres, né, para conversar com os artistas educadores, foi realmente muito produtivo, né, a gente também viu o resultado muito interessante, né, nessa diversidade que compôs todos os polos, né, assim, discutindo questões de cultura popular, é, Thaís, Angélica, eu realmente não entendi...

E também por que que houve, né, esse ruído na questão das bebidas, porque nunca houve, nunca aconteceu da Maria do Carmo dizer algo contrário de que não teria.

51:19 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Telma, aqui nessa mesma época, no final de maio, a gente já sabia que ia ter aqui no Jabaquara. Isso que estranho.

Se aqui ia ter, imagina lá.

51:31 - Angélica de Aguiar Tozzo

Telma, nós fizemos a festa no dia 7.

51:34 - Taíse C

A gente fez a reunião no início de maio. Nesse início de maio foi o que a articulação nos colocou, que não tinha, nós não tínhamos certeza de se teríamos ou não o apoio da Maria do Carmo, né, da associação para bebidas, para outros itens, que teve pipoca também, teve algodão doce, mas assim, lá naquela época não.

E só depois, Angélica, me ajuda aí nas datas... Mas, acho que foi uns 10 dias antes da festa que foi falado, olha, fiquem tranquilos, a Maria do Carmo vai nos fornecer tudo isso.

A gente tinha um indicativo que teria, mas a gente não tinha a certeza, né?

52:16 - Angélica de Aguiar Tozzo

E aí a gente ficou naquela expectativa para poder se organizar dentro da comissão que estava cuidando da parte de alimentação para conseguir distribuir, né?

Então a gente tinha um formulário onde as famílias sinalizavam o que elas poderiam contribuir, e aí a gente concluiu isso em aberto, falou, olha, a gente vai ter que abrir pedindo que o pessoal também leve um pouco de bebida ou não, né?

Mas a gente já tinha esse indicativo que poderia ter, como sempre teve, mas que, né, tinha essa indecisão ainda que, se não tivesse, a gente teria que ter um plano B.

Foi isso, né? gente só aguardou mesmo, de fato, a confirmação.

53:01 - Telma Dias

Perfeito. Vamos ver certinho com o Manuel.

Essa questão tá bom, gente?

É porque não me recordo de ter tido alguma dúvida quanto a isso, porque já é um procedimento que já vem acontecendo nos últimos anos, né?

Mas eu vou ver certinho o que que aconteceu exatamente?

Qual que pode ter sido a dúvida ali que possa ter acontecido e que essa informação não chegou tão rápido aí pra você, tá bom?

53:31 - Angélica de Aguiar Tozzo

E uma questão que eu só queria pontuar, que em relação à Casa de Cultura, desde que fez a troca de gestão lá na Casa de Cultura, tem sido um dificultador pra que a gente use o espaço da Casa de Cultura, né?

Isso foi após a mudança de gestão. Então, realmente, assim, é um diálogo que tá sendo reiniciado, vamos assim dizer, né?

Pra que se ache um espaço ali. De fato, que a gente possa, né, ali é tão perto, né, praticamente um só, enfim, mas que a gente possa fazer uso, né, não só enquanto EMIA, mas enquanto moradores, né, então isso é uma coisa que a gente falou meio que superficial, né, na nossa reunião, mas que a intenção é que a gente, enquanto famílias, né, consiga fazer essa discussão para além de EMI, né, porque é um espaço público e todo mundo tem direito de usar.

E aí estava tendo, assim, os impasses para que consiga usar, e aí muita burocracia, por uma coisa que não era antes, né, antes a gente tinha muito mais acesso lá ao espaço.

54:41 - Telma Dias

O Alberto, acho que pode falar sobre isso, que ele teve uma reunião na subprefeitura, né?

54:51 - Alberto Lima

Exatamente.

Hoje, parece que as relações lá com ela, com a coordenadora da Casa de Cultura, já está bem melhor. Ela já está cedendo o espaço com mais garantia. Porque no início houve uma reclamação mesmo depois da mudança da gestão de lá, mas eu queria até passar para vocês esse momento que a gente teve lá com a subprefeitura e de estar pensando em seguir atrás de uma forma de aumentar aquele espaço, fazendo um puxado ali para aquela parte da frente onde está aberto, que foi engradado agora, né, a gente foi na subprefeitura lá da Brasilândia, em Freguesia do Ó, e eles pediram para que a gente mandasse uma solicitação para ver que possibilidades teriam de fazer, porque tem que ver a que área pertence àquele equipamento e qual secretaria que ele está lotado. Isso aí também a gente precisa estar buscando... E eu acho que a participação de vocês enquanto comunidade aliada aí em dia é muito interessante e o outro o outro caminho também que a gente está levando é uma possibilidade de ir lá não sei se vocês conhecem eu não cheguei a ver ainda mas, pelas fotos que foram mostradas para a gente é um lugar também bem especial que daria para fazer em dia muito com bastante espaço e é o Parque Morro o que chama ele fica um pouco lá um pouco mais acima é eu acho que vocês têm que participar dentro dessa busca porque tem que ver se fica próximo né mais próximo de vocês do que a do que a do atual sede da EMIA e parece que a prefeitura fez um tombamento lá de umas casas que existia lá dentro do Parque.

E aí, o metrô, o pátio de manobra está terminando lá dentro do parque, e nesse pedaço tem essa vila, que são casas bem grandes que poderiam ser aproveitadas, porque elas vão ser tombadas, e sendo tombadas elas só podem ser utilizadas para equipamentos públicos, equipamentos de serviço social que sirva a comunidade, então uma das ideias é gente levar a EMIA para lá, Estão tentando ver também esse processo e se vocês puderem estar ajudando junto aí para reforçar, seria muito legal.

E essa coisa aí também da Maria do Carmo, ela sempre está pontuando essa doação da bebida, da pipoca e do algodão doce, eu acho que hoje esse ano entrou parece que mais um item que foi, não sei se o algodão doce ou... pipoca para algodão doce, que antes era só pipoca e a bebida, esse ano entrou mais o algodão doce, então fiquem já sabendo que esse item é prioritário, ela vai sempre estar cedendo e não precisa se preocupar, o que a gente pede mesmo é que as famílias se organizem para levar a comida de forma coletiva.

58:37 - Telma Dias

Natércio, estou com a mão levantada? Isso, eu só queria colocar...

58:42 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Tudo bem, Alberto?

A festa da EMIA Jabaquara, a gente tem uma divisão ali bem clara, mas é feita junta, a parte artística, a pedagógica, a parte artística é toda feita pela gestão e as barracas, as brincadeiras, né, a venda, o que é vendido é feito pelas famílias, né, e assim, foi uma coisa que começou, quando entrou a Maria do Carmo, a ter as gratuidades, a gente acha ótimo que tenha, tá, é importantíssima, a festa ficou mais inclusiva, ficou mais democrática, né, quem a gente sempre fala, né, quem não tem nenhum real, vai na festa de qualquer maneira, não deixa de ir, vai ter pipoca, vai ter algum doce, vai ter a bebida, agora sim, é, engraçado, né, a festa que tem 120 pessoas e a festa que tem 3, 4 mil pessoas, é, ela, ela, depende de, de todo mundo tá articulado e, e, assim, o que quebrou as pernas desse ano foi essa história desse açai em cima da hora, assim, a venda de todas as barracas diminuiu, é, no final da...

A festa, sobrou tudo, assim, não deu prejuízo à festa, mas é uma coisa que a gente precisa, fica de, assim, a gente já, assim, acho que a organização da festa foi super articulada até a quinta-feira, sabe?

Tudo que o pessoal da gestão fazia, o Alberto, a Telma passava pra gente da comissão, tudo que a gente fazia, a gente combinava, mas na quinta-feira caiu essa bomba desse açai aí, que foi complicado, gente, assim, eu não tava na festa, mas, assim, a gente tem o levantamento, tudo consumiu menos, e a gente tinha um objetivo claro nessa festa, que era de arrecadar recursos pra associação de famílias, né?

E teve uma quebra, sabe? Foi, teve uma, teve um prejuízo considerável. Então, só reforçar o ponto que a gente tem que, né, gestão e as famílias a gente tem que fazer as coisas junto e conversando assim isso daí quando chegou na quinta-feira a notícia vai ter vai ter a sair vai ser vai ser uma degustação e não era uma degustação era um pote né não era um copinho de café era uma refeição que estavam sendo distribuídas né então assim só Inês é morto a leite tá derramado mas assim foi péssimo tá gente foi tudo que for fazendo uma comparação como se as famílias lá do outro lado a gente resolvesse ter montado uma outra quadrilha lá em cima no churrasco sabe para concorrer com bailão não existe uma coisa dessa tá mas enfim é o único ponto de resto só agradecer a o que eu falei deu tudo certo até a quinta-feira né acho que no dia deu tudo certo também pelo que o pessoal comentou né mas é isso

Mas, assim, parceria é parceria do início ao fim, né? Se não, se não pode, poderia ter, imagina, se a festa dá um prejuízo, a gente já tá vendo o que fazer da vida agora.

A associação mal começou e já ia começar no vermelho, né? Alberto?

@1:02:28 - Alberto Lima

Então, Natércio, vocês colocaram sempre isso com relação ao... sempre colocando essa coisa com relação ao... ao açai, mas eu acho que não foi isso, não.

A gente teve uma redução muito grande de pessoas, né? A festa teve uma quantidade bem menor do que foi o ano passado.

Nós tivemos também uma inclusão de uma barraca, que foi a barraca do Churros, que também ela conseguiu vender mais do que as outras barracas, que era uma novidade.

E aquele potinho do açai, ele não ia... Não ia matar a fome de quem comeu. Todas as pessoas que chegaram no parque, que tinham o vale para o açai, elas já estavam com o cartãozinho já na fila, já comprando o cartão.

Então, não, acho que não foi essa coisa. Tudo bem que houve, pode ter havido essa questão aí da chegada do açai muito tarde, mas foi toda uma sequência de espera, né, que a gente teve, porque a Associação tava tentando colocar isso no alimento do lanche da criança e não houve tempo hábil, porque a gente teve depois uma semana de lanche coletivo e não dava pra estar mandando a açai de lanche coletivo.

Então, resolveu-se de última hora mesmo...

Eu acho, no meu entender, não houve nenhuma interferência de prejuízos assustadores que pudesse levar a culpa o açai...

1:04:14 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Mas assim, Alberto, tudo bem, não vou me prorrogar muito esse assunto, que não é o único tema, mas sim, teve diminuição, pelo que a gente avalia, teve diminuição da quantidade de pessoas, mas assim, não pode entrar nada na festa que está sendo feito a muitas mãos...

1:04:40 - Alberto Lima

Esse é o ponto, sabe? Mas que não é um ponto X para ter tido qualquer tipo de coisa, isso é que eu queria que encerrasse esse assunto nesse patamar, porque...

Sim, sim, entendeu? Está muito culpa em cima do açai, em cima do açai, não foi, tem outras avaliações que a gente pode fazer, e recorre a essa situação.

Concordo, gente, nós tivemos jogo de Copa do Mundo sendo realizado no mesmo horário, escolas tendo festa junina também paralela com a nossa e tal, toda essa coisa, então isso veio nesse caminho de ter essa redução de pessoas na festa aqui, graças que não que não, que não teve prejuízo e as barracas acabaram vendendo uma quantidade legal.

1:05:38 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

O ponto para a gente é só as coisas acontecerem sem ter sido combinado, tiveram N situações do lado das famílias, ah posso fazer isso, posso fazer aquilo, não gente, agora não dá mais tempo, agora não vamos inventar moda, agora de repente apareceu uma barraca nova, sabe, é, enfim, mas vamos, vamos, vamos, vamos, é, concordo.

1:06:01 - Alberto Lima

Eduardo, não foi o único fator, Alberto. Vamos conversar isso depois num outro fórum aí. Talvez uma coisa para reflexão, gente, é que eu acho assim que imprevistos podem acontecer, né?

1:06:14 - Telma Dias

E eu acho que se aparece uma barraca de doação gratuita para a nossa comunidade, não tem como a gente falar não porque vai prejudicar as vendas, sabe?

Eu não sei, eu sinto uma dicotomia na nossa relação quando a gente começa a discutir isso. Porque assim, podia ser açai, podia, sei lá, ser McDonald's, sei lá, o hambúrguer, uma doação que vai chegar gratuita.

Alguém chega...

1:06:48 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Ô, Telma, ô, Telma, mas aí eu discordo.

Vou colocar a situação...

1:06:49 - Telma Dias

Uma doação para a festa junina da EMIA, que vai ser grátis para as pessoas. Aí a gente vai falar não porque vai atrapalhar...

Ah, Telma... Não, Telma, perai, desculpa.

1:06:59 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Eu recebi a notícia da Natália, exatamente quando eu tava gastando 1.700 reais em compra, sabe, foi na hora que eu tava no caixa, foi exatamente na mesma hora, imagina se, ó, o McDonald's vai distribuir lanche geral, cara, pelo amor de Deus, sabe, o que a gente faz, né, a gente tinha combinado uma outra festa, não era festa com doação de McDonald's de açai de nada, então, aí você, né, se a pessoa, se eu, se eu, se eu, chego pra, pro pessoal do Bordemia, ó, vai distribuir notebook, a galera, né, ia ligar mínima pra o Bordemia, sabe, o pessoal ia pra molecada ia, ia jogar videogame, né, então, a festa, festa, um dos valores da festa do Jabaquara é a participação das famílias, bom, não sei, tem mais gente querendo falar.

Márcia e Eduardo.

1:08:01 - Telma Dias

Márcia

1:08:03 - Marcia Nunes

Eu tenho algumas questões quero colocar duas sobre o açai que a primeira que eu acho que mais pegou para nós que a gente conversou entre nós da comissão e conversamos isso com a gestão da Maria do Carmo só para todo mundo ficar na primeira na mesma página eu acho importante entender que quando a gente tá falando da comunidade escolar a gente tá falando da gestão e coordenação né que são indicações da Secretaria de Cultura e a gente tá falando aí das Associação Maria do Carmo que faz a gestão compartilhada a parte administrativa financeira tá então quando a gente fala da comunidade escolar além dos das famílias alunos dos professores né do território

da comunidade do entorno tem aí essas duas instâncias de gestão da escola a gestão técnica vamos dizer né da do da essência da escola que é feito pelo Alberto até o os outros coordenadores e a questão administrativa financeira que é da Maria do Carmo. Eu acho que não só, eu quero trazer uma questão da reflexão sobre a parceria e eu pontuei muito na minha conversa com a Ana Paula, que a questão, a nossa primeira questão não foi sobre o açai, tá?

Foi sobre a gente ter feito combinados e ter esses combinados terem sido descumpridos. Essa foi a nossa questão. A gente fez um combinado a partir de terça-feira, que meu, não dá pra mexer nada na festa, fechou?

Vamos seguir com isso? Vamos. Aí, eu falei pra Ana Paula, a barraca não aportou aqui na quinta-feira, certo? De repente, ela surgiu.

E eles não decidiram isso quinta de manhã. Se tava sendo aventado, discutido, a questão foi pegar todo mundo de surpresa e, enfim, nos atropelar nos combinados.

Mais do que isso, eu quero pensar aqui, que a gente acabou de falar da ineficiência que aconteceu no processo de comunicação da Maria do Carmo com o articulador, sei lá, eu de quem, que na Brasilândia ninguém...

Quem sabia que ia ter refrigerante? Certo? Então, para mim, fica óbvio que isso não tem acontecido só na EMIA Jabaquara, eu acho que a falha de comunicação e aí ajustar e afinar essa parceria, né, tem acontecido de maneira geral em muitas situações, tá?

Então, o que eu venho batendo muito com a Maria do Carmo é que eles precisam fazer uma comunicação eficiente, eles precisam estar mais próximos da comunidade, eles precisam aprender a estabelecer uma relação de parceria e de confiança, que não é a que eles têm estabelecido conosco em três anos.

Esse é o ponto, certo? Que eu vou continuar batendo até o fim, que foi a questão principal sobre o atropelamento que sofremos do açai.

Não foi sobre distribuir açai de graça, tá? Fora essa questão, a outra questão do açai, que nada de graça nessa vida, eles distribuíram, eles fizeram propaganda da marca do açai deles no nosso evento, nosso evento como comunidade escolar.

Eu acho que isso pega mal até do ponto de vista ético, pra mim, tá? Uma empresa que você tá cotando pra servir o lanche, que você aceita que ela faça uma divulgação no seu evento em troca de açai, então eu questionei até isso com a Ana Paula, nossa, mas não tá sendo de graça, eles usaram o nosso evento pra divulgar a marca do açai, certo?

Foi uma coisa que nunca aconteceu, tá? A Flávia, ela tem o trabalho dela, trabalha fazendo salgado, ela não tinha um cartão, um cartão, um cartão, e a Ana Paula falou, mas todos estão lá divulgando a marca, todos estão lá divulgando o seu trabalho, né?

E eu falei, sério? Quem tava lá com um cartão? Quem tava lá com um barraca estampada açai, não sei o quê, tá?

Então, assim, não é assim tão de graça, tá? É na contrapartida, eu entendo que é na contrapartida, tá? Mas depois a gente pode discutir até com mais profundidade essa questão ética, enfim, né?

Pra mim, soou muito mal, pra mim, soou mal, especialmente tendo em vista pra fazer tudo isso aí. da última hora, e não é a questão nem de servir açai, eu e lá em casa a gente adora açai, a gente comia oito, comia pastel, tempurá, de tudo, né, a gente não ia perder o apetite, não era nem essa questão, eu acho que eu bati muito nessa técnica, eu acho que a gente tem que tomar cuidado com a forma que a gente faz as coisas, porque dependendo da forma que você faz as coisas, uma coisa muito legal, assuma uma conotação ruim, isso acontece com frequência nas relações, daí a dificuldade da gente ajustar essa comunicação, eu acho que foi uma coisa muito legal, que foi feita de um jeito muito às pressas, atravessado, que no fim das contas, especialmente para quem estava à frente das coisas, né, não ficou legal, né, e eu acho que aí a gente tem muito que caminhar nesse sentido da parceria de ajustar as comunicações.

Além disso, quero pontuar e contextualizar que a questão sobre o refrigerante e a pipoca, especialmente para quem, é, acho que...

Veio depois, começou com uma problematização na EMIA Jabaquara de que nas escolas públicas regulares a festa junina é considerada um dia letivo e eles têm que, são obrigados a servirem o lanche, tá?

Quando a Maria do Carmo introduziu o lanche na EMIA, antes não tinha, tá? Foi uma conquista da escola a partir da gestão compartilhada o lanche, antes cada família levava o seu lanche de casa e ia com a roupa que quiser. Com a gestão compartilhada, a gente conquistou a alimentação e o uniforme, foram conquistas importantes para a nossa comunidade escolar.

E aí a gente trouxe a reflexão sobre, então, como que a gente vai fazer com a festa junina, que aí seria um dia do aluno na escola, e daí a gente começou a solicitação para a Maria do Carmo de

que, então, oferecer, entendendo que é um dia, que o aluno está na escola, assim como o pensamento da escola pública, que a gente tivesse também um lanche que a pessoa pudesse ter, entendendo aquele dia na escola, e também nesse lugar de acessibilidade, de inclusão, de que todos pudessem usufruir da festa, né, comer na festa, não só nas apresentações e nas brincadeiras, mas ser incluído também na questão de poder, na colheita, né, de usufruir também, de receber o alimento também, de que o alimento fosse disponível para todos.

E aí, então, contextualizando isso também, e aí, por fim, quero colocar um último ponto, que é sobre essa questão que o Alberto colocou, que eu acho que é uma conversa muito boa e importante, sobre qual, quais locais no território da Brasilândia existe a possibilidade de pensar no crescimento da própria EMIA, tá?

Então, para a gente entender como que as EMIAs, as famílias podem se organizar e como que eu acho que a gente pode...

A deve atuar junto ao Conselho. Eu acho que a nossa oportunidade, enquanto família, de dialogar com a comunidade, ir nesses lugares, no território, então na praça, na subprefeitura, tem espaço para crescer, que espaço é esse?

No Parque Morro Grande, entende certo? Parque Morro Grande, conhecer o espaço e as famílias poderem participar também dessa reflexão, como são esses espaços?

Queremos, entendemos como um espaço adequado, vamos fazer um movimento, também via Conselho, apoiando essa questão, mais do que apoiando, acho que nessa construção coletiva junto à Secretaria de Cultura, olha, nós, famílias da EMIA, representadas pelo Conselho de todos os polos, especialmente as famílias da EMIA Brasilândia, né, viemos solicitar, e aí a gente faz esse movimento que compõe esse lugar de construção coletiva, dialogando junto à Secretaria de Cultura, né, aí pedindo, né, e compondo esse lugar de pensar, e conquistar aí um espaço maior onde a EMIA Brasilândia possa crescer. Acho que era isso que eu queria pontuar.

Eduardo.

1:16:15 - Eduardo Parisi

Olá, olá. Boa noite, gente. Queria, primeiro, parabenizar, não consegui colaborar com nada aí da organização da festa por razões pessoais, mas adorei conseguir participar do evento todo, só saiu um pouco antes do final, mas gostei muito da festa, fiquei encantado com os trabalhos, eu consegui ver.

Eu quis manifestar, na verdade, vou corroborar com a fala da Márcia e do Natércio, eu acho que é uma, entendendo como a coisa aconteceu, né, acho que essa questão do combinado é muito importante, né, dentro do espaço público, ele tem que prezar pelo...

Para a democracia, todas as pessoas têm que poder participar e ser ouvidas e entrar em um acordo, então acho que isso é muito relevante, falando agora nessa questão do açai, desse atropelo que eu entendi que aconteceu, a questão da propaganda eu acho também muito pertinente, acho que vale se discutir isso a fundo, porque não é uma coisa banal, quando a gente tem uma, as empresas têm vários estudos, existe uma tentativa de entrada dessas grandes empresas, empresas de alimentação, na educação, na parte pública, porque isso para elas é um marketing muito forte, né, uma propaganda muito forte, eles tentam a todo custo socar os alimentos e é uma luta das famílias na educação para fazer uma barreira para que isso não invada a alimentação, né, e com coisas que não são saudáveis, né, é muito raro alguém querer oferecer uma batata, alguma coisa que seja saudável, né, o que vem, são em geral ultraprocessados, então, acho que a gente tem que ter esse cuidado, porque é de graça que vai ser uma coisa boa, então, de fato, acho que é uma coisa que vale ser discutida e aprofundar isso em outro momento, o que mais?

Então, a questão do lanche também, acho que essa coisa que existe na educação pública, assim, a gente vem batalhando há muito tempo e acho que é legal a gente procurar se inspirar no que vem acontecendo, essa batalha há mais tempo na educação, de você ter lanches saudáveis na escola pública, que é uma luta que eu faço já desde que eu comecei a trabalhar na educação, é para que a gente não tenha refrigerante, mesmo em caráter de exceção, porque é uma coisa que em outros países as pessoas tentam proibir a venda de refrigerantes para criança, porque é uma coisa que não tem absolutamente nenhum benefício, então, acho que a gente tem que trocar isso, tem que oferecer água, a gente tem que oferecer outras alternativas, um suco, se a gente conseguir natural, fazer um chá, a gente conseguiu na escola, numa das escolas que eu estava lá como conselheiro, a gente oferecer... ofereceu chá de erva cidreira, que fez o maior sucesso, ofereceu milho cozido, um saco de milho cozido, acabou o milho cozido na festa, e o chá de erva cidreira também acabou, e eles queriam colocar refrigerante, a gente conseguiu substituir, então, eu acho que isso não desmerece de forma alguma a festa, mas eu acho que são pontos muito relevantes para a gente

discutir com calma, para a gente aprofundar e melhorar, né, tratar as famílias e as crianças com acolhimento, pensando no bem-estar de todos.

No mais, senti uma observação que eu gostaria de ver mais até as apresentações, eu não consegui acompanhar as apresentações todas, tive dificuldade de ver ali, achei maravilhoso, fiquei encantado com o trabalho, assim, no meio da festa, era uma profusão, tanta coisa que eu lamentei não ter conseguido ver com a devida atenção, não sei se isso! Obrigado!

A gente consegue apresentar num outro momento, né, uma fruição melhor, né, de uma organização focada especialmente na apresentação, né, eu acho que foi muito bom que ela aconteceu ali pela festividade como um todo, né, não sei se eventualmente pra algum pai, como meu filho não tava se apresentando lá, eu não sei se pra alguém pode ter ficado frustrante não conseguir ouvir um filho no momento, que ficou muito baixo isso, não deu pra ver porque tinha gente na frente, mas como festividade eu achei incrível, achei muito, muito legal, fiquei encantado.

Agora, em termos técnicos de apresentação, eu pensaria se a gente faz outras apresentações mais focadas pra gente ver com maior apuro técnico, né, alguma coisa assim, não é só esse detalhe, mas de parabéns todo o pessoal que organizou, obrigado.

1:20:48 - Telma Dias

Talvez, Eduardo, os outros eventos a gente tem, né, nessa sequência do segundo semestre, outros eventos, né, então a gente tem a viradinha musical, que é o evento da área de música, tem o Criança Criando Dança e depois tem a mostra de artes visuais, né, que aí são focadas, né, mais focadas nas linguagens, né, então talvez tenham outras oportunidades também de ver os processos artísticos pedagógicos da EMIA de outra, de outra forma, né.

Ali eu, ali na Festa Junina realmente é muita gente, são diversas apresentações, diversas turmas e, e talvez realmente não dê para ver, tão detalhadamente assim, mas acho que, pois tem a Mostra Final de Processos também, né, no final do ano, talvez seja mais nessa perspectiva aí que você está falando.

Queria só fazer uma colocação, talvez eu tenha, só voltando um pouco, né, tenha feito, dado o exemplo de um McDonald's realmente muito absurdo, mas não era, não foi nesse sentido, foi mais assim, que de repente pode aparecer um... Qualquer doação, então não tem...

1:22:02 - Seridó Arquitetura - Natércio Cortês seridoarq@gmail.com

Entendido, Telma, entendi.

1:22:03 - Telma Dias

...da surpresa que aparece o negócio, né, e como que a gente resolve. Os outros polos não tiveram essa, nós foi o último, né, e aí aconteceu isso, então eles não estão nem entendendo que a gente tá falando do açaí, enfim, mas que depois, que também é uma sugestão, né, da Maria do Carmo de ter um dia, a partir, acho que de setembro ou de outubro, que uma semana que tenha um açaí que seja distribuído na hora do lanche, né, enfim, é uma proposta, a gente ainda nem aprofundou direito sobre essa questão.

É que a gente pode passar, a gente, íamos falar, né, desses eventos que aconteceriam agora, nesse segundo semestre, que são esses eventos que eu pontuei pro Eduardo, né, que é a Viradinha Musical, Criança Criando Dança, e a Mostra... de Artes Visuais e a Mostra Final de Processos. E a gente tem aqui só, eu queria que o Evandro comentasse aqui que nós vamos ter um chamamento para as vagas remanescentes, né?

E aí eu queria que você compartilhasse aqui com a gente, bom, Evandro, por favor, esse processo.

1:23:23 - Evandro Brito da Silveira

É, todo final de primeiro, primeiro semestre, a gente faz um levantamento das vagas que estão remanescentes, né, que não, que as crianças, algumas crianças saíram, trancaram matrícula, e a gente vai oferecer agora, para iniciar em agosto.

Geralmente no Jabaquara tem, a gente oferece em todos os polos, a gente oferece para 5, 6 e 7 anos, e como a procura é grande, fica uma lista de espera.

Então, gente acaba não oferecendo para essas faixas etárias, não abrindo vagas novas. Mas, um ano e outro, pode ser que alguma turma na faixa etária dos oito anos ou dos nove anos, tem um esvaziamento e a gente vai oferecer esse ano, não só na EMIA Jabaquara, mas nas outras unidades também, assim como nós fazemos também com as oficinas, né, que são abertas para as comunidades também, as oficinas no final de cada semestre, a gente faz um levantamento, se

houver vaga, a gente faz uma publicação, chamamento, divulga na rede do, na, na rede dos pais, das famílias, e vamos oferecer.

Então, a está em fase, assim, de finalização desse edital, que a gente chama, para fazer a divulgação, e é uma oportunidade, muitas vezes, de algumas crianças que não conseguiram entrar no início do ano, entrar agora no meio do semestre.

Basicamente é isso.

1:25:01 - Telma Dias

Bom, queria ver se alguém tem alguma colocação?

1:25:02 - Marcia Nunes

Eu só queria...

Vê, Telma, se a gente consegue, de repente, das reuniões ordinárias, passar um calendário até o final do ano, talvez facilite para as famílias, né, ter um calendário já, das que a gente já tem agendada, passar para eles, para se organizar, né, talvez aí não ficar em cima da hora, eu sei que a escola aí precisa mesmo, fazendo esses lembretes, né, uma semana antes, às vezes na mesma semana, mas talvez a gente possa compartilhar alguma coisa de um calendário oficial, né, porque a gente já tem marcado, né, as ordinárias, a gente já tem o calendário anual, né, então, para mim, me ajuda muito, porque aí eu já ponho na agenda, né, e para lembrar, que eu lembrar a reunião de setembro, só por Deus.

1:25:50 - Telma Dias

Ele tá no calendário sim, tá, ele vai no calendário de, que a gente envia para as famílias no começo do ano, ele foi junto, essas datas já estão, a gente já tinha pautado.

Eu né, lá no Começo, né, mas vocês, como que você acha que seria interessante fazer isso? Mandar nos grupos de família, Márcia?

Um lembrete da próxima reunião? Um separado, eu pensei, não sei, é como uma sugestão, vamos ver o que o pessoal acha também.

1:26:21 - Marcia Nunes

Então, reuniões ordinárias do Conselho, né, e colocar para todas as famílias, todas as famílias convidadas, e aí colocar, tal dia, tal dia, agora, agora, seria agosto, não, é setembro, e o ano final do ano, que são as ordinárias, né?

Então, tem uma em setembro, eu acho que é dezembro a outra. Eu vou ver aqui no calendário, quando elas serão, tá bom?

Aí a gente a manda, e acho que explica, para tirar essa dúvida, que as reuniões do Conselho são, a gente pode fazer isso juntos depois, né, pôr a data, elaborar um texto, né, já vou pegar aqui a Thaís, a Marina, não, já deixa todo mundo em contato.

1:27:03 - Taíse C

Não, eu acho que assim, essas questões de comunicação, de verdade, elas precisam ser muito claras, isso inclusive foi uma reclamação que eu fiz diretamente lá na EMIA Brasilândia, porque aconteceram algumas situações que a gente só, de repente, na semana a gente ficava sabendo, daí falava, ah, mas tá no calendário do meu amigo, me desculpa, a gente recebe o calendário lá no início do ano, e outras coisas vão acontecendo dinamicamente, então assim, não é responsabilidade da família ficar o tempo todo olhando o calendário, de um ano inteiro, quer dizer, é responsabilidade, sim, mas assim, a escola pode colaborar porque é função da escola, isso, né, então, eu até sugeri para a EMIA Brasilândia, que, por exemplo, não custa nada todo início de mês, ou final do mês anterior, falar, mandar um lembrete, lembramos, esse mês, fique ligado, esse mês teremos, tal, tal, tal,

Na semana que antecede, ou o que for, lembrando, família, tal coisa, tal coisa, tal coisa, porque isso faz com que a comunicação fique mais estreita, e você não responsabiliza pessoas que já estão, porque assim, lembrando, né, que não é só a EMIA a minha vida, não é só a EMIA a vida de todo mundo, né, temos mais 500 mil calendários, né, que após que aqui todo mundo tem pelo menos uns três calendários na agenda de casa, né, então é uma coisa que é difícil da gente te articular.

Então, assim, a EMIA, assim, fazendo essa facilitação, ajuda a gente ter mais quórum, ajuda a gente ter mais participação, dá mais clareza da organização, inclusive, porque senão fica parecendo que é mais descaso do que, nem quero que participe, entendeu?

Porque, assim, ah, cada um com seus problemas. Então, acho que isso é uma coisa, são pequenos detalhes na comunicação que ajudam, ó, efetivar a situação, sabe, a ter mais participação, a ter mais vontade, de querer estar naquele lugar também.

Em organização, sabe?

- TELMA - Acho que a Mari levantou a mão.

1:29:12 - **Marina Bortotti**

Isso, levantei... Na EMIA Flores, a gente faz no Canvas, pra todo mês, um calendário à parte só com coisas importantes.

E aí, ali naquele mês, a gente envia uma imagem do Canvas com a data no grupo. Por quê? Porque eu acho que facilita pros dois lados.

A gente acaba enviando essa imagem de Canvas todos os meses. Naquele mês vai rolar aquilo, aí tá em imagem, então a pessoa só vai abrir, não tem nem link, não tem uma imagem. E aí, a cada mês a gente envia uma imagem do que vai rolar naquele mês, no grupo das famílias.

Eu acho interessante, sim, que todas fizessem assim, eu acho que é legal.

- TELMA - Maravilha, gente, mais alguma colocação?

1:30:09 - **Angélica de Aguiar Tozzo**

Eu só queria fazer uma pontuação que eu lembrei agora, nós não tivemos, né, por conta de uma questão contratual dos professores, na, lá na Brasilândia, a gente não teve as turmas, né, do, das oficinas, né, e uma coisa que aconteceu, assim, que foi super interessante, foi que mesmo as crianças e os adolescentes que não estavam, né, matriculados esse semestre nas oficinas, super participaram, né, contribuíram, assim, de forma espetacular, na, na festa, e eu achei isso muito legal, porque, pra além, né, da, da questão, é, de ser ou não aluno, de ser, de estar ou não, Então, assim,

E, efetivamente, nas aulas, eles estavam lá, né? E isso foi muito legal porque trouxe pra gente essa necessidade. Foi, assim, um grande baque quando a gente ficou sabendo que não ia ter, essas crianças ficaram muito tristes, mas, mesmo assim, eles quiseram participar, falaram, não, a vai estar aqui, e super contribuíram, assim, foi uma coisa, assim, que eu achei muito legal, né?

E aí, isso ficou um, acendeu, assim, aquela luzinha, pra que a gente pudesse trazer isso pra discussão, né? E esperamos que, em outros momentos, as crianças possam retornar, né?

Possam ter de novo as oficinas que acolham eles novamente. Porque eu fiquei, assim, até meio surpresa, né? Eu achei que a galera ia ficar chateada mesmo e não ia querer mais compor.

E foi totalmente ao contrário, né? Então, isso só demonstrou mais pra gente ainda essa necessidade de ampliar e de que essas crianças voltem a participar.

1:32:09 - **Telma Dias**

A prioridade nossa, principalmente nos polos da expansão, são as turmas de 5 e 6 anos. O nosso foco é principalmente essas escolas que estão no início, porque se a gente não tiver essas turmas, não adianta ter crianças de 11, 12, 13 anos na escola.

A gente precisa batalhar para que as escolas, principalmente as que estão começando agora, tenham o custo regular da EMIA.

1:32:40 - **Angélica de Aguiar Tozzo**

Entendo, Telma, mas eu falei assim, no sentido que essas crianças, elas estavam sendo atendidas, né? Elas já estavam participando, foi nesse sentido que eu trouxe.

Não são crianças novas que estão entrando, crianças mais velhas. São crianças que num determinado momento elas foram absorvidas pela escola.

Música, só tiveram ali um início de um trabalho e aí aquilo parou, então tem um impacto, porque são crianças da comunidade, são crianças do território, então eles estão ali envolvidos, então é nesse sentido que eu falo.

1:33:18 - **Telma Dias**

Mas, talvez o que pode ser interessante é que outros programas da Secretaria, por exemplo, vocacional esteja na Brasilândia, enfim, nos outros polos, mas que o nosso foco, que a gente não pode sair mesmo, né, do nosso trabalho, é no público que é atendido pela EMIA, que é crianças de 5 a 12 anos, e eu entendo perfeitamente, né, a importância e a necessidade de ter outras opções,

né, para as crianças e jovens, adolescentes, né, ali do território, mas não é exatamente o nosso projeto, entende?

Porque, principalmente na Brasilândia, a gente tá tendo uma dificuldade muito grande de trazer o nosso público pra dentro da escola, as crianças de 5 e 6 anos, né, então a escola ela não, ela não tem uma continuidade da proposta pedagógica se a gente não tivesse foco, entende?

Então talvez a gente precise, né, levar pro território, são outros programas que a própria Secretaria de Cultura tem, né, a gente pode levar o vocacional, pode levar o Jovem Monitor, enfim, descobrir outras possibilidades que tenham, né, se tiver, se voltar o Rede da Hora, Rede da Hora, que é, é, direcionado pra essa faixa etária, porque a gente precisa muito batalhar o público da EMIA ali nesse território, sabe?

Mas eu entendo perfeitamente que eu conversando com a, com a supervisora, né sobre esse aspecto aí do, do território da Brasilândia.

1:35:06 - Alberto Lima

E aí até mesmo, né, Telma O PIAPI, né? O PIA. O PIA trabalha com a faixa etária acima de 12 anos? E também... É, acima de 12 anos.

Ah, não, o PIA trabalha com 7 com a mesma faixa etária que nós, né? Só que nós temos 5, 6 anos que a EMIA trabalha e o PIA não, né?

O PIA começa com 7 anos. Mas o que ela tá colocando é que existe crianças de 8, de 8 e 9 anos que faziam a oficina e não faziam o curso regular da EMIA.

Isso é um problema pra gente, né? Porque a gente tem que ter os professores da EMIA pra dar o curso regular.

E a cada ano que passa, a gente tem uma subida de idade. A Brasilândia começou com 5, 6, 7 anos e agora a gente tem 8 e 9.

Então a gente tem que ter os professores disponibilizados para executar esses cursos para 8 e 9 anos. Foi por isso que caiu a oficina e a prioridade a nossa prioridade é fazer o curso regular e depois a criança vai poder fazer um curso optativo dependendo da quantidade de alunos que a gente tenha nessas turmas não dá para a gente quebrar o curso regular não deixar não fazer atendimento essas crianças que estão subindo de idade para oito e nove anos para colocar uma oficina que vai atender dez onze, doze anos que não é o nosso foco.

1:37:02 - Marcia Nunes

Eu gostei muito da do compartilhamento da Angélica eu gostei muito de saber do envolvimento do dos jovens eu acho incrível e e eu entendo perfeitamente concordo com a Telma e com Alberto que a gente quer possibilitar essa experiência da formação. Mas, eu olho para a EMIA Jabaquara e tem a Mainá, minha filha, ela se formou em 2017 e até hoje nunca saiu da EMIA e ela faz parte de uma oficina, que é a orquestra, né, que não é o foco principal, mas que entrou até no corpo, corpos fixos, como chama, Evandro, é corpo fixo, sei lá, que é isso, né, que é o bordado, a orquestra, é, os corais, corpo, corpo, estável, que é o quê?

A oficina que se tornou tão significativa para a comunidade escolar que a gente não pode mais abrir mão delas, né, então o que eu acho é que também existe esse lugar e que é um lugar que a gente precisa pensar na relação com a comunidade, na relação com o território, então eu acho que dá para fazer em paralelo isso que precisa e é a vocação da escola, que é o curso regular, mas não distante também dessa reflexão que você trouxe, Angélica, que eu acho que para nós é muito incrível, eu acho que fica como provocação para nós, mas tendo em vista que está sendo...

e pensar no edital, para os próximos anos da gestão compartilhada, né, pensar essas questões, né, sobre como é que a gente pensa isso, né, será que a gente precisa pensar não só na hora dos profissionais no curso regular, mas para abraçar essas necessidades que a gente já está identificando nos territórios, né, puxa, olha, tem uma comunidade, tem um público aqui de nove, dez, que não consegue ser abraçado, o vocacional tem uma proposta diferente, é maravilhoso, mas é uma proposta diferente da EMIA, né, então, como é que a gente pensa essas oficinas, como é que a gente pensa essa articulação com os outros programas da Secretaria, então eu acho que fica para nós esse desafio até criativo, né, como é que a gente faz isso, como é que a gente abre esses espaços sem prejudicar aquele que é o que a gente precisa garantir, que é o curso regular, mas também abrindo espaço para esse diálogo, não só com os outros programas, mas com as necessidades e características e aí aí

E já deixo meu convite também para a gente também nessas conversas pensar sobre o edital que é o que vai nortear nossa relação com a gestão compartilhada nos próximos anos, né?

Então aproveito para deixar meu convite também. Nossa, quero agradecer muito a participação do pessoal das outras EMIA's, eu acho que assim, para mim cada vez que a gente está junto aqui eu sinto como a gente não pode abrir mão desse compartilhamento e de ter as outras EMIA's compartilhando conosco esse espaço.

É um espaço que precisa ser compartilhado com os outros territórios e como é enriquecedor, gostaria que vocês nos ajudassem compartilhando essa experiência, essa importância, falando desse lugar que a gente pudesse ter cada vez mais pessoas e mais polos participando conosco. É, até só fazer um adendo, né?

1:39:54 - Taíse C

O Alberto colocou aqui para a gente, até foi uma surpresa aqui para mim e para a Angélica com relação, a gente viu nas redes sociais essa conversa que teve com a subprefeitura.

Obrigado. tudo, de fazer essa expansão ali do nosso espaço da Brasilândia, porque é uma coisa que a gente vem discutindo muito com a articulação lá, que a todo momento se fala, né, precisamos ter mais alunos, sim, a gente sabe que existe uma defasagem, tanto que assim, a EMIA Brasilândia vive eternamente numa abertura de vaga remanescente, chega até a ser meio ridículo isso, porque assim, aquela coisa, olha, última semana, daí depois tem última semana de vaga remanescente, depois última semana de vaga, é, vira brincadeira no final, né, assim, venhamos e convenhamos, a gente sabe que a gente não montou um corpo ali, e até na última reunião que, que foi a da, da própria, do ciclo junino, eu cheguei a questionar isso com o Manuel, né, eu falei assim, tá, Manuel, mas assim, a gente, quero saber se a gente enche essa sala, a gente, essa turma, a gente tem espaço?

A gente não tem. As duas turmas, por exemplo, meu filho vai lá de sexta-feira à tarde, são duas turmas, de crianças de...

Cinco anos, se eu não me engano, e meu filho que é da turma de oito. As duas turmas, se estiverem, eles têm que ir, uma turma vai para a Casa de Cultura da Brasilândia, e a outra fica lá, ou fica no espaço que é descoberto, que é do lado ali, que é esse cercadinho que o Alberto colocou, que agora está cercado, antes não era, né, e que é um outro impacto dentro do território, porque ali era uma praça pública, né, usada por outras pessoas, do entorno, etc.

Então, existe todo um impacto também nisso, né, mas enfim, e estava com esse problema aí com a Casa de Cultura, né, da gestão, e que então, que bom, que felizmente, então, vai tendo uma melhor articulação.

Então, assim, mas essa foi uma, foi um questionamento que eu fiz para o Manuel, no dia da reunião, eu falei assim, tá, então tá, vamos lá, a gente faz, a gente entende todos os motivos pelos quais as crianças não vão, porque eu não sei, até hoje eu não consigo entender por que a gente não consegue fechar turma, mas a gente não tem, não consegue realmente ir lá, só que se fechar a turma realmente com o número máximo de crianças, a gente consegue atender? Não, a gente não consegue atender, daí eu quero saber o que a gente faz.

1:42:15 - **Telma Dias**

O objetivo é lotar o espaço que nós temos.

1:42:18 - Taíse C

Mas se a gente lotar, a gente não consegue atender, Telma.

Lá na Brasilândia a gente não consegue.

1:42:20 - Telma Dias

O número compatível para aquele espaço, o mínimo, e a gente não tem ainda. Não estou dizendo que não vai ter, a gente está batalhando para ter esse mínimo que a gente não tem ainda.

Então, assim, o espaço, imagina, se tiver bombando de criança, pode ter certeza que o espaço vai aparecer. Mas a gente não está conseguindo lotar uma sala, né?

1:42:44 - Taíse C

Agora, onde estão os entraves? Será, né? Onde estão? Parece que é a questão. A gente precisa ver isso, né?

1:42:54 - Telma Dias

É a escola mais antiga, né? Da expansão foi a primeira. Sim, da expansão. E aí a gente... E até não conseguir lotar uma sala, né?

Então, realmente, a gente tem que entender, né? A gente vem tentando entender bastante, né? Mudamos três articulações, né? Já passaram pela EMIA, Brasilândia, enfim.

Gente, é isso, né? É uma escola que ainda tá em desenvolvimento e também pode demorar dez anos e não tem nenhum problema em relação a isso.

Mas o objetivo é que as crianças saibam que existe, existe a escola lá, né? E que aproveitem, né? Porque, assim, os professores estão lá, o espaço tá lá, né?

Às vezes tem turmas que tem três crianças, né? Então, assim, o objetivo é a gente batalhar pra que eles entendam que ali é uma escola pensada pras crianças, né?

É... A luta continua, assim, né? E tá tudo tudo bem, gente, não é uma... É um processo, a gente entende perfeitamente.

E a gente tá nele, né? Vamos ir batalhar pra melhorar, enfim. E é fantástico o trabalho que é feito lá com as crianças, com as famílias, é maravilhoso.

Então, é como a gente vê essa forma de ampliar mesmo, né? Bom, já estamos aqui às 21h15, eu queria ver se alguém tem mais alguma colocação importante pra fazer, pra gente já ir finalizando aqui o nosso encontro.

Eu queria dizer que eu agradeço demais, realmente, Marcia, quando tem todos os polos, né, reunidos, se torna muito mais rico, muito mais potente, e isso não é só na nossa reunião de conselho, é também quando tá reunidas as crianças em algum evento, é quando tá reunido também os artistas educadores, pra gente entenda a complexidade, né, da EMIA, né? Como ela é diversa e como cada escola está no processo, né, é importante em cada lugar, assim, a escola é muito fundamental em todos os territórios em que ela está ocupando no momento, assim, né, então, é, eu sou otimista, assim, sabe, eu acho que são escolas que tem muito, muito ainda para crescer, Brasilândia, ela, ela pode virar rapidamente uma coisa imensa, Parelheiros também, né, então é isso, assim, agradecer a presença de vocês, eu coloquei aqui no chat as nossas, nossas reuniões que estão no calendário, né, de conselho, mas a gente vai fazer um informe, vamos pensar nisso, né, Marcia, para que essas informações não demorem tanto assim para chegar, não chegue tão em cima da hora, e que a gente tenha outras famílias aqui reunidas junto com a gente, que é muito importante mesmo, tá bom?

Então, eu encerro a reunião, gente, muitíssimo obrigada, boa noite a todos e até breve!

1:46:10 - Marcia Nunes

Obrigada, boa noite, beijo! Obrigada, gente, boa noite!

1:46:14 - Alberto Lima

Boa noite! Boa noite! Boa noite, pessoal!